



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES (BHU)**

FÁBEL FRANKLIN DE SOUZA MAIA

**A FLORESTA AMAZÔNICA E SEUS SUBESPAÇOS NO ROMANCE
“A SELVA” DE FERREIRA DE CASTRO**

**REDENÇÃO - CE
2019**

FÁBEL FRANKLIN DE SOUZA MAIA

A FLORESTA AMAZÔNICA E SEUS SUBESPAÇOS NO ROMANCE “A
SELVA” DE FERREIRA DE CASTRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Izabel Cristina dos Santos Teixeira.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Maia, Fábio Franklin de Souza.

M184f

A Floresta Amazônica e seus subespaços no romance? A Selva? de
Ferreira de Castro / Fábio Franklin de Souza Maia. - Redenção,
2019.

31f: il.

Monografia - Curso de Humanidades, Instituto De Humanidades,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, Redenção, 2019.

Orientador: Profa. Dra. Izabel Cristina dos Santos Teixeira.

1. Amazônia. 2. Seringal. 3. Exploração. 4. Doenças
tropicais. I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 338.981

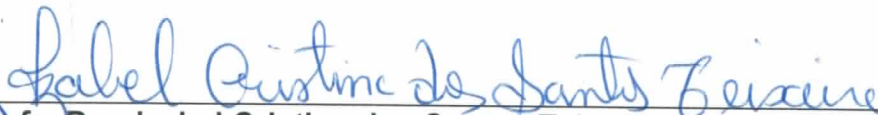
FÁBEL FRANKLIN DE SOUZA MAIA

**A FLORESTA AMAZÔNICA E SEUS SUBESPAÇOS NO ROMANCE “A
SELVA” DE FERREIRA DE CASTRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 04 de SETEMBRO de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Izabel Cristina dos Santos Teixeira (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira



Profa. Dra. Joana Elisa Röwer (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira



Prof. Dr. Sérgio Krieger Barreira (Examinador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

Dedico esta pesquisa a todos os meus familiares pelo carinho, incentivo, dedicação e motivação que tornaram meus sonhos realidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela superação de todos os obstáculos que surgiram ao longo dessa caminhada acadêmica.

Aos meus pais pelo incentivo e por acreditar em meus sonhos.

Aos meus familiares pela cumplicidade e paciência.

A todos os professores que contribuíram com meu processo de formação acadêmica, em especial minha orientadora Izabel Cristina, por total apoio e dedicação ao longo desta caminhada.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo geral apresentar e discutir aspectos da representação da floresta amazônica, na obra “A Selva” do escritor português Ferreira de Castro (1930), assim como objetivos específicos refletir sobre o modo de vida dos trabalhadores nos seringais da Amazônia, analisando o espaço (ambiente) que oferece todas as condições necessárias para a sobrevivência e ao mesmo tempo, escraviza-os em suas próprias condições de trabalho; e analisar os diversos problemas oriundos da exploração no seringal amazônico. Destarte, a referida obra, que é, também, considerada, no meio crítico literário, como a melhor produção ficcional do autor, apresenta, na floresta, um subespaço seu, qual seja, um seringal (Paraíso), já decadente, para onde se dirigem trabalhadores que buscam melhores condições de vida, mas que, ao contrário do que esperam, são violentamente explorados, quase vivendo como trabalhadores escravizados, além de contraírem doenças tropicais, tais como febre amarela e malária. Nesse lugar, vigora a chamada “lei do mais forte”, em que o ser humano desperta seus instintos mais bestiais, que se sobrepõe a quaisquer normas de comportamento social (e moral) aceita e só os mais fortes sobrevivem. Para a análise da obra, será utilizado o referencial teórico constituído de alguns estudiosos que tratam o assunto em questão, dentre eles, Souza (1978), Brasil (1961) e Prado (1989).

Palavras-chave: Amazônia; Seringal; Exploração; Doenças tropicais.

ABSTRACT

This work aims to present and discuss aspects of the representation of the Amazon rainforest, in the work "A Jungle" by Portuguese writer Ferreira de Castro (1930), as well as specific objectives to reflect on the way of life of workers in the Amazonian rubber plantations, analyzing the space (environment) that offers all the necessary conditions for survival and at the same time enslaves them in their own working conditions; and analyze the various problems arising from exploitation in the Amazonian rubber plantation. Thus, this work, which is also considered, in the literary critical environment, as the best fictional production of the author, presents, in the forest, a subspace of his, namely, a decaying rubber tree (Paraíso), to which it is located. They direct workers who seek better living conditions but, contrary to what they expect, are violently exploited, almost living as enslaved workers, and contracting tropical diseases such as yellow fever and malaria. In this place, the so-called "law of the fittest" prevails, in which the human being awakens his bestial instincts, which overrides any accepted norms of social (and moral) behavior and only the strongest survive. For the analysis of the work, it will be used the theoretical framework consisting of some scholars who treat the subject in question, among them, Souza (1978), Brasil (1961) and Prado (1989).

Keywords: Amazon; Rubber tree; Exploration; Tropical diseases.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	08
2 DAS FLORESTAS: DEFINIÇÕES	10
3 DO AUTOR E DA OBRA	15
3.1 O romancista Ferreira de Castro	15
3.2 Resumo crítico da obra	16
3.3 Fortuna crítica da obra: alguns aspectos	19
4 O OBJETO DE ANÁLISE: A REPRESENTAÇÃO DA FLORESTA EM “A SELVA”	21
5 CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS: DEBATENDO SOBRE O OBJETO DE ANÁLISE	24
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O romance “A Selva” (CASTRO, 1930), entre muitas questões, aborda duas que são de muito interesse para as ciências humanas: a *emigração* por razões de trabalho e a própria questão ambiental. Neste caso, apresenta pormenores sobre a floresta amazônica, e a exploração de seus recursos, cujo destaque é um seringal. Assim sendo, a obra citada permite uma leitura sobre natureza local, bem como sobre a vida dos nativos de florestas.

Tendo que fazer uma escolha entre as duas possibilidades, optei pelo estudo da representação da floresta amazônica, no romance citado, por uma curiosidade extrema sobre a região amazônica, um tanto isolada, geográfica e historicamente, do restante do país. Por outro lado, não se pode deixar de mencionar que a questão da emigração chama a atenção por se referir a uma situação vivenciada por certa população do Ceará, oriunda do município de Baturité que para lá se dirige, em busca de trabalho, fugindo do período das secas, sendo inclusive contatados para aliciamento no município citado (CASTRO, 2002, p. 37).

Em Baturité, nos anos de vigência mencionados no texto, a população vivia uma forte cultura do café, mas que não era suficiente para atrair alguns dos que acreditavam em uma vida mais fácil nos seringais da Amazônia. O analfabetismo, a realidade de miséria vivida pelos trabalhadores pobres eram fatores determinantes que fazia com que a população acreditasse nessa condição de riqueza junto à exploração e o comércio da borracha (CASTRO, 2002).

Para a reflexão sobre a floresta, o subespaço “seringal” (denominado *Paraíso*, exploração da borracha), será observado, a partir de descrição como local de trabalho, com sua caracterização específica, dentro do contexto maior, no caso, a floresta.

A grande relevância desta pesquisa pode ser determinada pela socialização dos conhecimentos apreendidos e que, de algum modo, podem contribuir para provocar reflexões, instigar novas pesquisas e favorecer tomadas de decisões mais eficazes na definição de florestas, em geral, e se, nesse caso, ela comporta subdivisões, subespaços, como o seringal, que, na ficção de Ferreira de Castro, assume a condição de *locus* onde está o poder de mando do dono (Macedo) sobre os trabalhadores que lhe servem ao enriquecimento, com a exploração da borracha.

Da passagem do século XIX ao XX, a borracha era “o produto do extrativismo mais importante, para a Amazônia, sob o ponto de vista econômico, particularmente no período de 1900 a 1940”, conforme Antonio Filho (2005, p. 1031).

A partir dos levantamentos feitos, este trabalho foi dividido em quatro etapas, descritas a seguir. A primeira etapa, apresenta alguns conceitos de floresta, bem como sua caracterização, apoiado em autores como (SOUZA, 1978), (BRASIL, 1961), (PRADO, 1989) e (CASTRO, 2002) são apresentados. O conceito é construído por estudiosos, a partir de tentativas de compreender os fenômenos naturais que ela mesma produz, ou até mesmo, sua administração para exploração de recursos econômicos. Com isso, tenta-se elucidar o funcionamento do mesmo na perspectiva apresentada em “A selva” (CASTRO, 1930). A segunda etapa trata da relação e apresentação do autor da obra, bem como alguns aspectos da fortuna crítica de “A selva” e, em seguida, o resumo crítico da obra, destacando as referências feitas à floresta amazônica e sua influência na vida e no trabalho das personagens. A terceira etapa traz a representação da floresta amazônica e seu subespaço, trazendo à tona a abordagem literária. A quarta etapa refere-se ao debate teórico em tono do tema proposto, qual seja, a floresta e seus elementos constitutivos. De posse de todos esses dados, segue-se para as considerações finais.

2 DAS FLORESTAS: DEFINIÇÕES

A Amazônia é responsável por grande parte da riqueza natural do país e pelo equilíbrio do planeta. Sua economia é rica e variada assim como a forma de sobrevivência de seus moradores. A população planta, caça, pesca, coleta fibras, látex. O artesanato e a tradição dos povos indígenas contribuem para a economia e servem de atrativos turísticos para a região (JESUS NETO, 2011).

Em relação à Floresta Amazônica, segundo “A selva” (1930), sempre foi alvo das aventuras de povos como portugueses, ingleses, franceses e alemães que empreenderam sucessivas “descobertas do Brasil”. Cientistas, aventureiros, artistas, antropólogos, exilados ou mascates, os estrangeiros pintaram variados retratos do país, percorrendo-o, sobretudo no século XIX, em todas as direções. Também em todas as direções vão ao contexto de “A Selva”, pois da geografia à fantasia não faltam histórias que falem de Paraíso e de Inferno nos trópicos, principalmente nos relatos dedicados à região amazônica (MADEIRA, 2007).

De forma geral, os conceitos de “floresta” perpassam por diversos âmbitos que vão desde o sentido adotado pelo meio governamental ao meio acadêmico, em que eles figuram significados mais técnicos e precisos.

Segundo o SNIF¹ (2010), denomina-se “floresta” qualquer vegetação que apresente predominância de plantas lenhosas, onde as copas das árvores se tocam, formando um dossel. Sinônimos populares para florestas são: mata, mato, bosque, capoeira, selva.

Ainda de acordo com o órgão citado acima, para compreender a definição de florestas no meio acadêmico, científico e governamental, é preciso um conhecimento mais técnico e objetivo, que possibilite a compreensão do termo, considerando a estimativa de área de florestas do país e também os regulamentos e normas, nacionais ou internacionais, que não permitem dúvidas de interpretação (SNIF, 2010).

Segundo o Serviço Florestal Brasileiro (SNIF, 2010), no desenvolvimento de seus trabalhos e na elaboração dos relatórios nacionais e internacionais sobre os recursos florestais do país, consideram-se florestas as tipologias de vegetação lenhosas que mais se aproximam da definição de florestas da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). Nesse caso, o conceito de

¹ SNIF – Sistema de identificação, registro e análise de informações associadas às florestas naturais e plantadas do Brasil.

floresta adotado pela FAO² é: “Floresta – área medindo mais de 0,5 ha com árvores maiores que 5 m de altura e cobertura de copa superior a 10%, ou árvores capazes de alcançar estes parâmetros *in situ*. Isso não inclui terra que está predominantemente sob uso agrícola ou urbano”.

Segundo a UNFCCC³ (apud SNIF, 2010):

Floresta é uma área de no mínimo 0,05-1,0 ha com cobertura de copa (ou nível de estoque equivalente) de mais de 10-30% com árvores com o potencial de atingir a altura mínima de 2-5 m na maturidade *in situ*. Uma floresta pode consistir ou de formações florestais fechadas (densas) onde árvores de vários estratos e suprimidas cobrem uma alta proporção do solo ou florestas abertas. Povoamentos naturais jovens e todas as plantações que ainda podem atingir densidade de 10-30% ou uma altura das árvores de 2-5 m são incluídos como floresta, assim como áreas que normalmente fazem parte da área florestal, que estão temporariamente desflorestadas como resultado da intervenção humana, como a colheita ou causas naturais, mas cuja reversão a floresta é esperada.

Definidos os conceitos teóricos sobre “Floresta” por diversas organizações, aqui, a definição de “Floresta amazônica” está de e acordo com a CPT⁴- Comissão Pastoral da Terra, divulgado em um Relatório Denúncia da Amazônia (2016).

Segundo o mencionado relatório:

A Amazônia é o maior bioma do Brasil. Geograficamente é formada pelos estados da região Norte: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia e Tocantins. Mas o bioma avança para os estados do Mato Grosso e Maranhão. Por este motivo e para fins administrativos e de planejamento econômico, a Lei N.º 1.806 de 1953, incorporou parte dos territórios do Maranhão e do Mato Grosso à Amazônia, criando assim o que se chamou de “Amazônia Legal”. Este território tem uma área de cerca de 5.217.423 km², 61% do território brasileiro (CPT, 2016).

Este trabalho, tendo em vista sua delimitação, dá conta de que, no Brasil e no exterior, muitos pesquisadores se debruçam sobre esse espaço – Amazônia – dentre eles, o pesquisador Aziz Ab’Sáber, cujas pesquisas têm sido fundamentais para a compreensão dessa parte do espaço brasileiro. Seu livro “Amazônia: do discurso à práxis” (2004) tem despertado constantemente um grande interesse entre leigos e especialistas, além de outros autores que deram suporte teórico à investigação aqui proposta, cujas obras de apoio estão contidas nas referências bibliográficas.

² FAO – Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação.

³ UNFCCC – Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas.

⁴ CPT – Comissão Pastoral da Terra é um organismo ligado à Comissão para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz, da CNBB. A CPT é membro da Pax Christi Internacional.

Como na obra de base há referência a seringais, convém mencionar a seringueira, uma árvore que produz o látex, base da produção da borracha, foi nomeada por Charles Marie de La Condamine como *Hevea Brasiliensis* em 1735, porém foi apenas com o processo de aperfeiçoamento da impermeabilização em 1844 por Charles Goodyear que o produto ganha mercado, culminado com a segunda revolução industrial e o advento do automóvel, conforme afirma Antonio Filho (2005).

A emigração para esse subespaço da floresta era tão degradante que o retrato dos indivíduos que lá viviam, dá conta de vida em regime de semiescravidão no trabalho dos seringais, em condições de extrema violência física, privações, constantes ameaças e um ambiente totalmente diferenciado da realidade dos quais viviam no sertão nordestino. A esse respeito, ressalta-se a citação abaixo:

A imigração nordestina é um fenômeno social recorrente na história do Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Tais migrações tornaram-se pauta de debates entre autoridades imperiais e oligarcas e proprietários regionais. O contingente cada vez mais significativo de retirantes passou a exigir a elaboração de medidas emergenciais e de políticas de incentivo à migração (SECRETO, 2007, p. 45).

Assim, nordestinos, oriundos de várias partes da região, aí incluindo o Ceará e, mais precisamente, o Maciço de Baturité, “enviou”, por aliciamento, um grande contingente humano, como consequência da seca. Por isso,

Nesta etapa, após a criação da "batalha da borracha", em 1943, entra em ação, com o objetivo de selecionar, transportar e localizar os trabalhadores nos seringais da Amazônia, visto que o empenho do DNI não era suficiente para agilizar o novo surto da borracha. Pelas precariedades de recursos materiais disponíveis para transporte e alojamento, era quase impossível naquele momento recrutar milhares de pessoas, como queriam os altos escalões do governo estadunidense. O SEMTA tinha como meta recrutar e transportar para Amazônia mais de 50.000 trabalhadores solteiros. Os esforços para atraí-los estavam estampados nas propagandas não só no Nordeste, mas também em outras regiões, com promessas de auxílios aos familiares que iriam ficar nos lugares de origem (SOUZA, 1978, p.45).

Sua intensificação ocorreu ainda mais com o aparecimento do ciclo da borracha, pois, como já foi assinalado antes, a seca fez com que os nordestinos vissem a oportunidade em migrar para os seringais já que havia a informação que iriam receber altas quantias em dinheiro e outros bens.

Tal situação se deve ao fato de que o grande centro econômico do país era, justamente, para onde se voltava ao capital internacional, no caso, os seringais da

floresta amazônica. A chamada “árvore da fortuna” produzia o látex, o leite de seringa com que se fazia a borracha. A tradicional seringueira é a *Hevea brasiliensis*, a seringueira verdadeira, característica das várzeas altas da margem direita do rio Amazonas (ANTONIO FILHO, 2005).

Souza (1978) afirma que as correntes de imigração foram incentivadas pelo governo, mas a atratividade era decorrente de alguns donos de seringais que informavam e faziam propagandas que a vida nos seringais proporcionaria riquezas e elevadas quantias de dinheiro para que participassem do recrutamento e fossem para Manaus e Belém e assim já se dirigiam para as zonas produtoras de látex.

Conforme Wolf (1999), a formação dos seringais não era realizada constantemente de modo amigável, mas sua configuração dava-se por intermédio de diversos conflitos, principalmente com os indígenas, onde para aumentarem novos seringais era essencial combater as tribos indígenas. Assim como afirma o relato de uma índia capturada aconselhando outras também capturadas a não fugirem:

[...] “minhas filhas, não vão mais embora, nós não temos mais ninguém, mataram tudo do nosso pessoal, mataram tudo, tudo, tudo e nem escapou nem os pequeninhos, mataram com a ponta de faca, sacudia e aparava com a faca. Mataram tudinho, não deixou ninguém” (MARIA FEITOSA DO NASCIMENTO apud WOLFF 1999, p. 168).

Nos seringais os patrões (seringalistas) não permitiam que os trabalhadores (seringueiros) desviassem sua concentração para outros meios, mas somente para a extração do látex. Dessa forma, os seringalistas se comprometiam em possibilitar o aviamento de gêneros alimentícios, roupas e utensílios necessários para o fabrico e em troca estradas de seringa em condições de serem exploradas, bem como o apoio na construção de tapiris e defumadores. Entrementes, o seringueiro só poderia descansar um dia na semana e destinar toda a produção de borracha para o patrão que lhe aviou (SILVA; SILVA, 2007).

Para concluir, segundo Prado (1989), no contexto dos seringais quem mandava era o chefe, o patrão, o indivíduo responsável por tudo e estavam subordinados todos os indivíduos que ali residiam. Dirigia cem ou mais indivíduos e se caracterizava pela violência e pela exploração, pois quando os trabalhadores ousavam fazer-lhe exigências, pretendiam abandonar o trabalho, cometiam faltas, ou empregavam processos condenados na extração do látex, os meios de punição eram os mais

brutais. O seringalista fazia contra os escravos prendia os trabalhadores no “tronco” e os torturava.

Atualmente a região amazônica é alvo de diversas outras formas de exploração, legais e ilegais. Tais formas de exploração maquiavam-se sob o pretexto de “progresso” e com declarações de incentivo de governos liberais, a região amazônica passa por um infeliz momento de descaso.

Segundo dados do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a Amazônia teve mais chuvas, mais queimadas e mais alertas de desmatamento entre janeiro e agosto em 2019 do que o registrado no bioma nos mesmos períodos desde 2016. De janeiro a agosto, choveu 11% a mais e teve 34% mais focos de queimadas do que a média de 2016 a 2019 (G1, 2019).

3 DO AUTOR E DA OBRA

3.1 O romancista Ferreira de Castro

Conhecido como um dos mais reconhecidos romancistas portugueses do século XX, Ferreira de Castro iniciou-se na literatura por volta dos 13 anos e foi desenvolvendo ainda mais a sua técnica em contos e novela (BARRADAS, 2014).

O autor Castro possuía experiência, linguagem mediadas e reforçadas pelos paratextos que caminharam lado a lado com as diversas publicações do escritor português. Um menino que viveu em Ossela, povoado pequeno de Portugal, tem significativo peso das vivências em sua formação como escritor, não teve contatos com livros e que sua carreira escolar não passou do primeiro ano. Os únicos textos que Castro leu antes de tornar-se um escritor, segundo o biógrafo, foram os livros escolares e alguns folhetos que o menino via na feira. Analisando pela perspectiva do adolescente com quase nenhum, afirma (BRASIL, 1961).

Segundo Barradas (2014), o denominado período de imaturidade do autor pode ser também considerado mais produtivo, pois apresenta diversidade de gêneros literários produzidos no início da carreira, o que se pode considerar de primeira fase, momento em que escreveu contos e novelas, ao mesmo tempo em que escrevia vários gêneros de textos jornalísticos e peças de teatro. Nesta fase, vê-se como característica uma dispersão de gêneros literários e a busca de Ferreira de Castro por um estilo próprio.

Para Jaime Brasil (1961), Ferreira de Castro possuía estes trabalhos como simples experiências, tentativas ainda imperfeitas, para encontrar o seu caminho. Já Alves (2002 apud BARRADAS, 2014, p. 11) considera que o escritor se mantinha numa trajetória própria de quem ainda não encontrou um estilo pessoal de escrever, mas que a sua escrita espelha naturalmente as ideias libertárias, ideias relevantes do seu modo de ser e estar no mundo, a que permaneceu fiel, mesmo nas horas em que a sobrevivência poderia ter ditado o rompimento.

Conforme Barradas (2014), a segunda fase inicia-se já em Portugal, com a publicação de *Emigrantes*, em 1928. Este romance apresenta-se bem mais ambicioso na forma, no estilo e no tema em relação às obras anteriores.

A partir daí, a obra de Ferreira de Castro manteria um nível semelhante de consistência formal e temática, com maior incidência no género do romance. A obra canónica do escritor pertence a esta fase. Por seu lado, esta segunda fase do trabalho de Ferreira de Castro apresenta três momentos ou modos de escrever. Como diz Álvaro Salema, são «três direcções nitidamente demarcadas, sem prejuízo da unidade essencial de espírito e de vivência humana que os funde numa unidade de obra criada.» (SALEMA 1974: 40). O primeiro momento corresponde aos romances mais directamente ligados a uma experiência pessoal: *Emigrantes* (1928), *A selva* (1930), *Eternidade* (1933), *Terra fria* (1934) e *A lã e a neve* (1947) (BARRADAS, 2014, p. 11-12).

Nascido em Portugal em 1898, apresenta uma aparente ambiguidade em relação ao personagem Alberto, do romance “A selva” (1930): ele esteve na Amazônia, de acordo com Madeira (2007). Sua chegada teria se realizado por volta de 1911, aos 12 anos de idade. Vindo de navio, ele, da mesma forma que muitos portugueses, aportaram no Brasil fugindo das dificuldades económicas de sua aldeia natal. Tempos depois ele retorna a Portugal (1919) e de lá escreve este romance - “A selva” – considerada sua melhor obra que só seria publicado nos anos de 1930. Ainda segundo Madeira (2007), o auge da corrida à borracha teria se dado entre 1880-1910, fato gerador de uma onda migratória para a região, de pessoas vindas de muitas partes do mundo. Porém, é já no contexto da decadência desse ciclo económico que terá destaque na obra de Ferreira de Castro.

3.2 Resumo crítico da obra

A Selva (1930) narra a vida de seringueiros, aliciados em suas terras natais, por Alípio e Juca Tristão (seringalistas), que daí partem em busca de melhores condições de vida. Como trabalhadores braçais, em sua maioria vindos do Nordeste brasileiro, principalmente da região de Baturité (CE), dentre eles, está Firmino. Tais trabalhadores, por causa da seca em sua região de partida, são recrutados para a região amazônica para trabalhar na extração do látex. Submetem-se aos horrores e humilhações da selva como obedecer às ordens dos donos dos seringais sem questionar e tornam-se escravos por conta de dívidas contraídas por meio da exploração do patrão. Caso tentassem fugir seriam submetidos a maus tratos físicos e humilhações. Dentre esses homens, destaca-se Agostinho, que apresenta comportamento brutal, animalesco. “Agostinho era um indivíduo rude, sem nenhuma identidade consigo um delinquente comum, mais odioso do que muitos outros” (CASTRO, 2002, p. 141).

Alberto, sobrinho de Macedo (português, comerciante avaro), em Portugal, envolve-se com panfletagem em favor da monarquia, sofrendo, por isso, perseguição política dos republicanos (a república foi implantada em 1910, em Portugal). Orientado pela mãe, que teme por sua vida, vem para o Brasil, para encontrar o tio, dono do seringal “Paraíso”. Embarca rumo ao seringal e, ao se encontrar na terceira classe do “Justo Chermont”, depara-se com uma realidade que custa a aceitar. O convés úmido e escorregadio exala mal cheiro; os seres humanos que ali se encontram aglomeram-se numa promiscuidade de animais. Ele se põe intranquilo com a situação, mas tem esperanças de receber tratamento distinto. Sabe-se posto ao nível dos outros pelas contingências, mas embasado em seus princípios monarquistas, acredita-se moralmente superior:

Magoava-o a facilidade com que outros recrutados dormiam tranquilamente um sono que era, para o egoísmo dele, quase uma afronta. E sorria, depreciativamente, ao pensar no apostolado da democracia, nos defensores da igualdade humana que ele combatera e o haviam atirado para o exílio. ‘Retóricos, retóricos perniciosos! Queria vê-los ali, ao seu lado, para lhes perguntar se era com aquela humanidade primária que pretendiam restaurar o Mundo [...] Ele e os seus, declarados inimigos da igualdade, defensores de elites, eram bem mais amigos dessa pobre gente que os outros, os que a ludibriavam com a ideia duma fraternidade e dum bem-estar que não lhe davam nem lhe podiam dar. Só as seleções e as castas, com direitos hereditários, tesouros das famílias privilegiadas, longamente evoluídas, poderiam levar o povo a um mais alto estádio. Mas tudo isso só se faria com autoridade inquebrantável – um rei e os seus ministros a mandarem e todos os demais a obedecer [...] (CASTRO, 2002, p.38 e 39).

No seringal, ele sofre terrores, sem nenhuma afeição ao lugar, sendo, inclusive, explorado pelo tio que utiliza de diversos artifícios para retirar injustamente dos seringueiros, uma vez que, tanto Macedo quanto os outros donos de seringais enriqueciam com a exploração aos trabalhadores.

Alberto, completamente inadaptado ao local, sofre uma espécie de “distopia”, ou seja, experimenta um estado imaginário em que se vive em condições de extrema opressão, desespero ou privação no ambiente “selva”, sempre relembrando os momentos que viveu em sua terra natal.

Alberto surpreendia-se ante a prodigalidade com que os homens do mando distribuíam categorias: qualquer daquelas cidades, embora simpáticas na sua modéstia, não igualava sequer uma vila da Europa. As ruas estavam forradas de capim e não era difícil contar, por maioria, as casas cobertas de folhas de palmeiras. Cidade, porquê? Erro grosseiro dos colonizadores portugueses ou simples valorização tributária, feita por políticos brasileiros? (CASTRO, 2002, p. 51).

Macedo, sendo um homem extremamente ganancioso, dono de uma hospedaria chamada “Flor da Amazônia”, considera a existência do sobrinho desempregado em sua casa um peso a suportar, um fator gerador de despesas desnecessárias. Conforme passagem do romance:

Macedo encaminhava já os passos em direção à cozinha, para investigar o andamento do jantar, quando da existência do sobrinho, com seu peso morto de inativo, lhe sobreveio no espírito. Encontrava, finalmente, uma solução. Parou hesitante e com pálpebras semicerradas. Lá bom não era, porque o corte de seringa e as doenças não deixavam ninguém pôr ramo verde... Mas, que diabo! Se não aparecia outro emprego e se ele não podia estar ali a sustentá-lo toda vida (CASTRO, 2002, p. 24,25).

No seringal, espaço no qual são levados os emigrantes, vigora a lei do mais forte, tanto no mundo vegetal como animal, inclusive entre os humanos. É aí que a faceta animalesca do ser humano se manifesta nos impulsos mais bestiais, uma vez que os mesmos se sobrepõem à cultura, às normas sociais, à moral, à religião, à ética, à justiça.

Dum lado e outro, a selva. Até esse instante Alberto vira apenas as suas linhas marginais; surgia, agora, o coração. Surgia como um aglomerado exuberante, arbitrário e louco, de troncos e hastes, ramaria pegada e multiforme, por onde serpeava, em curvas imprevistas, em balanços largos, em anéis repetidos e fatais, todo um mundo de lianas e parasitas verdes, que faziam de alguns trechos uma rede intransponível. Não havia caule que subisse limpo de tentáculos a expor a crista do sol; a luz descia muito dificilmente e vinha, esfarrapando-se entre folhas, galhos e palmas, morrer na densa multidão de arbustos, cujo verde intenso e fresco nunca esmorecia com os ardores do Estio (CASTRO, 2002, p. 78, 79).

Além dos personagens supracitados, há outros envolvidos, como o Comendador Aragão, um aviador que faz fortuna no comércio da borracha; além dos assistentes Balbino (recruta os trabalhadores), Binda e Caetano, figuras que transitam, tanto pela floresta quanto pelo seringal.

Além desses, podem ser citados o agregado Tiago, descrito na seguinte passagem do texto: “o negro Tiago, outrora escravo, agora quase inútil, só a ele consentia que o tratasse de alcunha Estica. A sua perna coxa, apodo (do grego significa sem pé), parecia-lhe desgraça demasiado grande para que os outros ainda se rissem dela” (CASTRO, 2002, p. 164).

Em um momento de pura dignidade, o ex-escravo Tiago põe fogo no barracão onde Juca morava e tranca as portas: “Tronco e peixe-boi no lombo só nas senzalas. E já não há escravatura...” “Branco não sabe o que é liberdade como negro velho”; “Seu Juca era meu amigo; eu lhe queria muito e lhe choro a alma dele; mas não era amigo da liberdade”; “Negro é livre! O homem é livre!” (CASTRO, 2002, p. 320).

O enredo tem seu término quando se dá uma insurreição entre os seringueiros, culminando com um incêndio dominante na casa de Juca Tristão, dono do seringal “Paraíso” e amigo do dono do seringal “Flor da Amazônia”, Macedo, tio de Alberto. Esse incêndio ocasiona a morte de Juca Tristão, ao mesmo tempo em que liberta os seringueiros de sua escravidão.

3.3 Fortuna crítica da obra: alguns aspectos

Segundo (BRASIL, 1961), Ferreira de Castro apresenta, em sua literatura da chamada “fase madura” atenção voltada para as classes mais pobres, para as mazelas sociais, a exploração comercialmente. Ainda de acordo com o pesquisador, o autor retrata quase de forma fotográfica a região amazônica, os dramas das personagens e suas tensões. A sua obra é aparentemente marcada por um relato documental, com atenção voltada para temas regionais, de áreas rurais.

Como exemplo, segue passagem do texto:

Era, então, a Amazônia um imã na terra brasileira e para ela convergiam copiosas ambições dos quatro pontos cardeais, porque a riqueza se apresentava de fácil posse, desde que a audácia se antepusesse aos escrúpulos. Com os rebanhos, idos do sertão do Noroeste, demandavam a selva exuberante todos os aventureiros que buscam pepitas de ouro ao longo dos caminhos do Mundo (CASTRO, 2002, p. 28).

Jaime Brasil (1961) salienta que passagens no texto, evidenciando aventureiros em busca da riqueza, revela, sobre o autor, a fidelidade ao denominado “realismo social”, em que denuncia a vida sacrificada e desumana do nordestino e identifica, paralelamente, o tipo de estrutura socioeconômica viciada que tinha como suporte a política do coronelismo nordestino. Para ele, tais características o colocam numa corrente literária conhecida nos anos de 1930 como “neorrealismo”.⁵

⁵ Neorrealismo é uma linha estética que eleger para tema fundamental da obra literária assuntos relacionados com o condicionalismo socioeconômico dos povos e analisa a luta de classes que ele

Ainda sobre a obra, pode-se destacar que Jorge Amado escreveu o prefácio “Um clássico de nosso tempo” (p. 17-20) em homenagem à reedição de “A Selva”, em 1972, assim saudando a edição brasileira do livro:

Muito tem-se escrito, não só no Brasil e em Portugal, mas no mundo inteiro, sobre a importância de A selva; (sic.) o sucesso das traduções nas línguas mais diversas é o melhor elogio e a mais justa apreciação crítica do romance do menino português fazendo-se homem em meio à floresta e ao rio, no princípio do mundo, numa aventura pungente e poderosa (AMADO, 1972, p. 18).

Corroborando, Cosson (1994, apud SANTOS; OLIVEIRA JUNIOR, 2014) afirma que:

[...] Paradoxalmente e a despeito das narrativas anteriores, a obra que conseguiu sintetizar com maior felicidade uma imagem literária para a região [se refere à região amazônica] é o romance A selva de Ferreira de Castro, [...]. Tal síntese reuniu elementos dispersos em outras obras que trataram da vida na Amazônia dando-lhes uma versão que, pela sua larga influência, passou a ser paradigmática para a literatura produzida e consumida na região (COSSON, 1994 apud SANTOS; OLIVEIRA JUNIOR, 2014).

A crítica ao texto de Ferreira de Castro, quase em contraponto por um escritor e por um crítico brasileiros, vem encontrar, em recente publicação, o testemunho e o caráter de resistência de “A Selva”, por meio da edição da obra de Abrahim Baze, intitulada “Ferreira de Castro: um imigrante português na Amazônia” (2010).⁶

A obra intelectual de Ferreira de Castro enriqueceu a bibliografia amazônica nos seus aspectos mais originais. Aqui, estão sinais de uma época heróica, longínqua. Aqui, nesta obra, podemos encontrar os sinais da terra, das florestas, das águas, dos lugarejos, dos barracões, dos enormes seringais, dos dramas, das lutas contra as doenças e das pragas dos insetos daninhos (SANTOS; OLIVEIRA JUNIOR, 2014).

implica, visando, na linha ideológica do marxismo, contribuir para o desaparecimento da exploração do homem.

⁶ Obra de Abrahim Baze, recém-publicada, onde possui caráter biográfico e comemorativo da saga de Ferreira de Castro, um europeu na Amazônia – *Um imigrante português na Amazônia* – com riqueza desta edição, com inúmeras fotografias e documentos da época, inclusive com o DVD do filme e roteiro da obra homônima de Ferreira de Castro, em primeira edição dirigida por Márcio Souza (BAZE, 2010).

4 O OBJETO DE ANÁLISE: A REPRESENTAÇÃO DA FLORESTA EM “A SELVA”

A floresta amazônica, em linhas gerais, é o espaço predominante da narrativa. Denominada por Alberto como “selva”, o “inferno verde” é composto de solidão, perigo, medo, violência e miséria, elementos que são revelados ao longo da narrativa, já destacado nas primeiras páginas do livro (pórtico), em que as imagens da selva vão fornecendo uma espécie de preparação para a entrada na floresta.

A floresta tem sua majestade com contornos de vontade própria atuando na perspectiva de todo trajeto da obra e das ações dos personagens. Em sentido geográfico apresenta sua grandiosidade através dos animais, dos rios, das árvores grandiosas, dos medos e aflições.

A terra ia crescendo e a mata fechando-se cada vez mais. Já não se viam, como nos arredores do Marajó, os troncos das árvores a penetrarem na vasa que as correntes e as marés traziam e alimentavam, nem longos períodos de calvície, aproveitados para indústria pastoril. Terra livre que se encontrasse, fora limpa ferro e fogo pelo braço humano, no seu primeiro contacto com a selva dominadora. As margens ofereciam agora, no meado do Verão, uma altura enorme e eram barro gretado, desvendando raízes e caindo aos pedaços. As águas iam corroendo tudo aquilo, assoreia aqui, draga acolá, numa faina silenciosa e constante. A selva virgem parecia querer assim castigar aquele que ousava violar seu mistério (CASTRO, 2002, p. 62-63).

A descrição da paisagem é, de certa forma, alimentada por uma forte carga subjetiva do personagem Alberto, uma vez que é ele que a apresenta, quase sempre comparando a “selva” com as florestas de Portugal, numa aparente demonstração de uma certa “distopia”. A floresta no imaginário de Alberto com relação à Europa que ele conheceu, era constituída apenas por uma única espécie de árvore e considerada como âmbito relaxante, já a floresta brasileira era tida como ser opressor. Como na passagem a seguir:

Os grandes rios de Portugal, o Tejo, o Douro, comparados com aquele, faziam sorrir Alberto. Cada pequeno igarapé que desaguava no Madeira, cujo nome ninguém lhe sabia dizer, tinha mais largueza do que o Vouga, o Cávado, o Ave ou o Guadiana, de existência decorada nos primeiros bancos escolares e agora evocados com saudade, pela sua água de azul puríssimo e suas curvas românticas, que os amieiros debruavam. Ali tudo perdia as proporções normais. Olhos que enfiassem, pela primeira vez, no vasto panorama, recuavam logo sob a sensação pesada do absoluto, que dir-se-ia haver presidido à formação daquele mundo estranho (CASTRO, 2002, p. 62).

A natureza, com destaque para a vegetação abundante, torna pequena e insignificante a presença humana, dada a sua imponência: “Surgia com um

aglomerado exuberante, arbitrário, e louco, de troncos e hastes, ramaria pegada e multiforme, por onde serpeava...” (CASTRO, 2002, p.78), o que reforça a visão da floresta que domina e sufoca o homem, a qual não acolhe, mas, sim, intimida.

Sob certos aspectos, há uma aparente trégua na perspectiva, pois também é destacada com certa suavidade, como na passagem: “O luar descia, peneirando-se por entre as folhagens adormecida, pincela aqui, pincela acolá, cobrindo de joias extravagantes os troncos e seus rebentos” (CASTRO, 2002, p.110), com o narrador apresentando seu próprio encantamento um membro aí presente: a lua. Neste sentido, “E sempre, sempre, a miragem deslumbrante da floresta copulada pela luz de quimera. Para a frente, dir-se-ia não haver caminho; a vista detinha-se nos fustes mais grossos, onde o luar se ia esbatendo, como se tudo ali findasse. Mas quando a proa avançava para o obstáculo, a selva rasgava-se de novo, a ilusão repetia-se, o mundo fabuloso continuava” (CASTRO, 2002, p. 110), parece haver uma trégua ao terror/medo oferecido pelas imagens da floresta-selva.

O medo pode ser referido como o elemento que assustava as personagens/seringueiros, como “assustava com o seu segredo, com o seu mistério flutuante e suas eternas sombras, que davam às pernas nervoso anseio de fuga” (CASTRO, 2002, p.88). “E outro pé humano não trilhara essas bravias solidões, tão pavorosas e desconhecidas como no princípio do mundo” (CASTRO, 2002, p.137). Com efeito, a descrição da paisagem, a contemplação do espaço pelo personagem Alberto, permitindo inferir no poder que a floresta exerce sobre o homem. Este tem aparente certeza de sua pequenez neste “reduto”.

Neste contingenciamento de alimentar sentimentos, a floresta personifica-se, e estabelece uma aparente relação com aqueles a quem abriga:

Ali não existia mesmo árvore. Existia o emaranhado vegetal, louco, desorientado, voraz, com alma e garras de fera esfomeada. Estava de sentinela, silencioso, encapotado, a vedar-lhe todos os passos, a fechar todos os caminhos, a subjugar-lo no cativeiro [...] A ameaça andava no ar que se respirava, na terra que se pisava, na água que se bebia, porque ali somente a selva tinha vontade e imperava despoticamente (CASTRO, 2002, p. 133-134).

Este espaço selva apresenta-se grandioso, despertando o vislumbre de beleza e medo ao mesmo tempo, em quem a vê. Pelas suas armadilhas naturais, ela torna o homem preso a si mesma, provocando-lhe o desejo latente de fuga.

Neste espaço tudo parecia perdido em proporções normais. Olhos que enfiassem, pela primeira vez, no vasto panorama, recuavam logo sob a sensação pesada do absoluto, que dir-se-ia haver presidido à formação daquele mundo. Terra livre que se encontrasse, fora limpa a ferro e fogo pelo braço humano, no seu primeiro contato com a selva dominadora.

Dentro desse espaço está o seringal Paraíso, localizado nas proximidades da cidade de Humaitá, no rio Madeira, onde se dá o drama dos homens seringueiros da Amazônia.

Entre o emaranhado rasteiro, uma só árvore expunha ao sol a sua copa grande e redonda; e dir-se-ia, sobre o tope do barranco, uma sentinela da floresta próxima, teimosa em não renunciar jamais ao espaço que lhe roubavam. – O Paraíso! Lá está o Paraíso! Seguiram o braço que se estendeu todos os olhos da leva, ansiosa por fixar o sítio desconhecido para onde os conduzia a esperança dum futuro imediato com melhor e mais abundante pão. [...] o seringal desvendava-se agora totalmente: em linha reta erguiam-se três barracas, logo dois casarões de madeira e telha. Um revés a terra, que devia ser pasto das águas em ano de enchente grande; o outro, muito comprido, ladeado por uma varanda, fixava-se em paliçada, para se libertar das inundações. Pelo porte, tamanho e pinturas, indicava a residência do amo e sede da exploração do seringal (CASTRO, 2002, p. 68).

No final do romance, aparentemente se evidencia o crescimento interior das personagens que resulta de uma transformação pessoal em um ser humano mais justo, fruto das atrocidades testemunhadas.

Conicionados pelo espaço da floresta selvagem, os protagonistas encetam uma viagem de autoconhecimento de que resulta uma profunda transformação, como consequência da aprendizagem humana e social a que são sujeitos no contexto das suas relações com o meio e com o outro.

Por outro lado, a caminhada para o interior da selva vai pondo em destaque os sentimentos de melancolia e solidão das personagens, num crescendo de intensidade até a manifestação dos medos, reais e imaginários, que elas enfrentam perante a monstruosidade e exuberância do espaço.

[...] a selva tinha, como monstros fabulosos, mil olhos ameaçadores, que espivavam de todos os lados. Nada a assemelhava as últimas florestas do velho mundo, onde o espírito busca enlevo e o corpo frescura; assustava com o seu segredo, com o seu mistério flutuante e as suas eternas sombras, que davam às pernas nervoso e anseio de fuga (CASTRO, 2002, p.88).

5 CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS: DEBATENDO SOBRE O OBJETO DE ANÁLISE

“A Selva” (1930) é um romance que tem como espaço geográfico a Amazônia. Aí, inserida no conjunto está o seringal – *Paraíso*, no caso. Curiosamente, o título parece traduzir certa falta de afinidade da personagem Alberto com o lugar, ou seja, a floresta mais lhe parece um lugar ameaçador – uma selva – A SELVA. Tal selva parece retratar a ambiguidade entre o ser humano, suas características de caráter moral, e a própria diversidade presente nesse contexto, a ponto de, aí, prevalecer a lei do mais forte, isso no meio animal, vegetal e humano, confirmando as ambiguidades percebidas e identificadas.

Assim, na selva, há facetas animais do ser humano que no meio do nada manifesta vontades bestiais, que sobrepõem aos valores éticos, a cultura, a moral, aos aspectos ligados a religião e justiça. A citação abaixo assim confirma:

A selva não aceitava nenhuma clareira que lhe abrissem e só descansaria quando a fechasse novamente, transformando a barraca em tapera, dali a dez, a vinte, a cinquenta, não importava há quantos anos – mas um dia! Seria pelo esgotamento das seringueiras, seria pela intervenção dos selvagens, chacinando os desbravadores, seria por outro motivo – mas seria! A ameaça andava no ar que se respirava, na terra que se pisava, na água que se bebia, porque ali somente a selva tinha vontade e imperava despoticamente. Os homens eram títeres manejados por aquela força oculta que eles julgavam, ilusoriamente, ter vencido com a sua atividade, o seu sacrifício e a sua ambição (CASTRO, 2002, p. 133-134).

É nesse *locus* que se focaliza o trabalho do seringueiro, sua vida e as suas privações, dentre elas a sexual, as ameaças de um meio sombrio e de habitantes em constante sofrimento e escravidão por parte dos seringalistas.

Também é possível perceber que a realidade de quem acreditava em prosperar na selva, proveniente de outros estados não havia muitas chances, pois era engano para aqueles que chegavam ali com intenção de ser dominador da selva, tirando-lhe riqueza. A selva jamais deixará ser dominada e com determinado período haveria a ciência em descobrir isso seria atividade árdua. Assim sendo, pode-se afirmar que o clima, o transbordamento das águas, explorarem o seringal eram também pontos negativos.

A enchente durava meses, e o fazendeiro precavido construía logo as marombas para proteger seus animais da sanha destruidora das águas, mas até as marombas, apesar de sua estratégica elevação, eram invadidas pelas águas inclementes: “bois e vacas, primeiro com as patas, com o ventre

depois, mergulhados no inimigo, acabavam por tombar de inanição e ser lançados ao rio, para gáudio de piranhas e candirus” (CASTRO, 2002, p. 132).

As personagens como Firmino e Agostinho demonstram a realidade da figura a figura do nordestino que foi aliciado na sua terra natal, recebendo promessas de fazer fortuna com a extração do látex para poder dar condições dignas à sua família quando retornasse ao Nordeste.

Diferenciando-se dos demais, um tanto talvez por ser estrangeiro, Alberto parecia demonstrar um certo ar de superioridade sobre os aliciados, considerando-os seres inferiores. Pessoas consideradas selvagens e sujeitadas pelo meio e que não seriam transformadas em civilizados de ambiente porque elas sempre carregariam um certo “primitivismo”.

E sorria, depreciativamente, ao pensar no apostolado da democracia, nos defensores da igualdade humana, que ele combatera e o haviam tirado para o exílio. Retóricos perniciosos! Queria vê-los ali, ao seu lado, para lhes perguntar se era com aquela humanidade primária que pretendiam restaurar o mundo. Via-se o que tinham feito! Tudo na mesma, sempre a mesma violência, a demagogia até. E ainda havia os que queriam ir mais longe no desvario, destruindo fundo os caboucos sociais, desmoronando uma obra construída e cimentada pela velha experiência dos séculos. E para quê? Para que? Possuía alma essas gentes rudes e inexpressivas, que atravancavam o Mundo com a sua ignorância, que tiravam à vida coletiva a beleza e a elevação que podia ter? Se a possuírem, se tivessem sensibilidade, não estariam adaptados como estavam àquele curral flutuante. Mas não. Mas não. Era o seu meio e, se as transplantassem, ficariam tímidas, desconfiadas e murchas, como bichos selvagens nos primeiros dias de jaula. Ele e os seus, declarados inimigos da igualdade, defensores das elites, eram bem mais amigos dessa pobre gente do que os outros, os que a ludibriavam com a ideia duma fraternidade e dum bem-estar que não lhe davam nem lhe podiam dar. Só as seleções e as castas, com direitos hereditários, tesouro de famílias privilegiadas, longamente evoluídas, poderiam levar o povo a um mais alto estádio. Mas tudo isso só se faria com autoridade inquebrantável e os seus ministros a mandarem e todos os demais a obedecer. O resto era família maléfica de sonhadores ou arruaceiros. Ah, se os outros estivessem ali (CASTRO, 2002, p. 38-39).

Em meio a tantos nordestinos surge a figura de um único caboclo do Lourenço que enquanto os nordestinos buscam desenfreadamente por riquezas, esse não tem essa preocupação dando-lhe adjetivos como ser desinteressado e sem grandes ambições.

Cortado o grande peixe em mantas, secas no “girau” e vendidas na cidadezita mais próxima as que sobejavam do alimento quotidiano, o caboclo adquiria sal, farinha e cachaça – e enquanto a provisão durasse vivia descuidado e não voltava a trabalhar. A cachaça, para uso diário, e um baile, de quando

em quando, para desentorpecer as pernas, em qualquer barraca das margens, constituíam as suas únicas aspirações (CASTRO, 2002, p.45).

O poderio de uma riqueza que estenderia por longo tempo se não fosse o extrativismo predatório que declinou a produção do látex.

Porém, os “pobretões sem eira nem beira” que se transformaram, “de um instante para outro, em donos de casas aviadoras tão poderosas que sustentavam no dédalo fluvial grande frota de gaiolas”, faziam de tudo para ignorar a situação, embalados pela ilusão de eternidade da vitalidade das seringueiras, tão dadivosas, mas exploradas predatoriamente de acordo com a obra (CASTRO, 2002, p. 28).

Mesmo com imensas privações na selva os trabalhadores tinham como anestésicos para a vida que levavam, os seringueiros utilizavam como válvulas de escape a bebida e as festas domingueiras.

“A embriaguez periódica”, conseqüentemente, “era a única evasão do espírito, o único facho na longa noite da masmorra verde”. Premidos pelos maus tratos, pela fome, pelo cansaço, pela falta de sexo, pela ausência total de liberdade, era nas festas e na cachaça que buscavam algum momento de sublimação:

a chicha e a cachaça começavam por estimular, tornando justificáveis, nos cérebros incandescidos, todas as aberrações; depois amolengavam-nos, apresentando-lhes como facilidade vindoura o impossível e como breves certezas as mais indizíveis esperanças (CASTRO, 2002, p. 129).

A distopia impera quanto à corrupção e as regras estabelecidas em nome do enriquecimento dos donos seringais, assim como as conquistas utilizadas de modo forçado com a mão de obra são instrumentos de monitoramento dos indivíduos (enormes dívidas).

Ao mesmo tempo em que a Selva equivale a contextos de opressão, de violência, cabe mencionar que, para os indivíduos que habitam a região, a selva não se constituía e nem se constitui em prisão, pelo contrário, é vista como fonte geradora de vida, de onde se pode garantir a existência por possibilitar a reprodução física e sociocultural, uma vez que ela fornece os alimentos, a caça, pesca o roçado e a própria seringa; tudo isto é entendido como dádiva da natureza.

(...) “passado algum tempo, via-se ele, nas mesmas condições de seus companheiros. Inflamado pelo desejo palpou as cordas... escolheu... fundiu-se na noite morna e cúmplice” (CASTRO, 2002, p. 188).

A experiência diante das dificuldades perpassa por toda obra como no personagem Alberto que adquire novas perspectivas sobre a vida, mudando até mesmo seus pensamentos e ideologias sobre valores morais e éticos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance “A Selva” de Ferreira de Castro, verdadeiramente pode ser considerado como uma contribuição importante para a literatura luso-brasileira, assim como também pode ser considerado um marco no processo de formação do pensamento socioeconômico e ambiental na Amazônia. O escritor português traz em sua narrativa uma representação da região em riqueza de detalhes ao trazer os desdobramentos da exploração da borracha no “Paraíso”, o seringal.

A floresta amazônica, maior floresta tropical do mundo e uma das áreas de maior biodiversidade do planeta, ainda hoje é vista como um lugar misterioso, místico, como também é objeto de estudo de muitos pesquisadores. Ao trazer a floresta amazônica como ambiente de seu romance, o autor português desperta a curiosidade e o interesse de seus leitores, por transmitir reflexões de cunho econômico com o seringal e o extrativismo da borracha, social com a questão da emigração e as formas de convivência, relação e socialização entre os moradores da região, e ambiental com a descrição da floresta em seus aspectos naturais. Essas reflexões, todavia, são bastante influenciadas pelas memórias do tempo que Ferreira de Castro passara no seringal, em plena floresta amazônica quando esteve no Brasil em sua adolescência.

É perceptível, portanto, que no romance de Castro, simultaneamente, o narrador aproxima aquele espaço longínquo – a Amazônia, conhecida por poucos – do mundo dos leitores, ao passo que os tempos se misturam. A trajetória de Alberto, em contato com outros personagens bem marcados, perpassa pelo desbravamento português na região amazônica, o poderio da exploração da borracha, as marcas da escravidão, o drama da emigração sertaneja, fazendo com que o personagem, ao decorrer da narrativa, se conscientize da necessidade de uma vida mais justa:

[...] É uma aspiração ainda mal definida. Um desejo que tenho de justiça universal. Sem dúvida, a Humanidade está longe ainda da elevação colectiva que eu sonho para ela. Há-de lá chegar, decerto, pela evolução. Mas isso é tão lento e a vida de cada um é tão pequena, que eu, às vezes, penso que a sede de justiça que há por toda a parte acabará por marchar à frente [...] (CASTRO, 1930, p.287).

Dessa forma, o que se pode perceber é que o romance, que é uma leitura sedutora, provocadora e interessante, traz consigo uma representação da floresta amazônica não só em aspectos naturais e de sua biodiversidade, de sua aparente

fonte quase “inesgotável” de exploração, mas traz também uma representação do comportamento humano, da vida em sociedade, que de muitas formas se torna muito próxima da vida em sociedade em qualquer lugar (urbano ou rural) que se tenha a exploração capitalista como forma de sistema e *modus operandi*.

Assim, essa aspiração de Alberto por uma vida mais justa, uma justiça universal, pode ser estendida também à floresta amazônica, quando se pensa na dinâmica econômica, social e ambiental desse bioma. Em tempos em que a floresta queima e é vergonhosamente destruída, A SELVA e a bestialidade do ser humano nunca estiveram tão dentro dos palacetes governamentais como nos tempos atuais.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Aziz Nacib. **Amazônia**: do discurso à práxis. São Paulo: Edusp, 2004.
- AMADO, Jorge. Prefácio. In: CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. São Paulo: Editora Verbo, 1972.
- ANTONIO FILHO, Fadel David. A opulência e a miséria do Império da borracha na Amazônia Brasileira: um olhar geográfico através de Euclides da Cunha e Ferreira de Castro. X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005. **Anais...** São Paulo, 2005.
- BARRADAS, Maria Clara Vasco Campanilho. **A Obra Dramática de Ferreira de Castro**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2014.
- BAZE, Abrahim. **Ferreira de Castro**: Um imigrante português na Amazônia. 2. ed. rev. e amp. Manaus: Editora Valer, 2010.
- BRASIL, Jaime. Ferreira de Castro. Col. **A Obra e o Homem**, n. 5. Lisboa: Editora Arcádia, 1961.
- CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. 39. ed. Lisboa: Guimarães, 2002 (Publicado pela primeira vez em 1930).
- CPT, Comissão Pastoral da Terra. **Amazônia, um bioma mergulhado em conflitos**: Relatório Denúncia. 2016. Disponível em: <<https://cptnacional.org.br/index.php/downloads/download/25-cartilhas/14003-relatorio-denuncia-da-amazonia>>. Acesso em: 23 fev. 2016.
- G1. **Focos de queimadas na Amazônia são mais de 2,7 mil em setembro, segundo o Inpe**. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/09/02/balanco-das-queimadas-na-amazonia-em-setembro-segundo-o-inpe.ghtml>>. Acesso em: 7 set. 2019.
- JESUS NETO, Maria Raimunda de. **A Ação Humana sobre o Meio Ambiente e o Desmatamento na Amazônia**. 2011. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia e Meio Ambiente, Universidade Presidente Antônio Carlos, Barbacena, 2011.
- MADEIRA, Vander da Conceição. **A Selva**: viagem de descobrimento. Dissertação de Mestrado, Departamento de Letras, USP, 2007.
- PRADO, Maria Lígia Coelho. Borracha na economia brasileira na primeira república. In: FAUSTO, B (Org). **História Geral da Civilização Brasileira**: o Brasil Republicano: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- SOUZA, Itamar. **Migrações Internas no Brasil**. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Mimeog. FFLCH/USP, 1978.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos; OLIVEIRA JÚNIOR, Josué Ferreira de. A Narrativa da Selva, ou, A Selva no Contexto do Regionalismo Amazônico. **Revista Línguas & Letras**, Cascavel, v. 15, n. 29, ago. 2014. Disponível em: <erevista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/download/11193/8055>. Acesso: 05 de maio de 2016.

SECRETO, Maria Verônica. **Soldados da borracha**: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

SILVA, Antônio Carlos Galvão da; SILVA, Josué da Costa. Seringueiros na Amazônia. In: II COLÓQUIO NACIONAL DO NEER, 2007, Curitiba. **Anais...** . Curitiba: Online, 2007. Disponível em: <<http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/trabalhos.html>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

SNIF, Serviço Florestal Brasileiro. Definição de Floresta. 2010. Disponível em: <<http://snif.florestal.gov.br/pt-br/conhecendo-sobre-florestas>>. Acesso em: 7 mar. 2016.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da Floresta**: uma história: Alto Juruá, Acre, (1890-1945). São Paulo: HUCITEC, 1999.